

## CAIM REDIMIDO: A REELABORAÇÃO DO MITO BÍBLICO PELO ROMANCE

*CAIM REDEEMED: THE REELABORATION OF THE BIBLICAL MYTH BY NOVEL*

Simone Aparecida de Matos<sup>1</sup>  
(UNEMAT)

**RESUMO:** Tomando por base o romance *Caim*, de José Saramago, lançado em 2009, buscaremos fazer uma análise da releitura do mito bíblico de Caim feita pelo autor, por meio de uma atualização do referido mito, demonstrando como cada tipo de narrativa se adequa ao contexto em que é criada. O objetivo deste trabalho visa demonstrar como se processa a reelaboração de um mito cristalizado durante séculos através do gênero romance, forma escolhida por Saramago para defender seus pontos de vista. Consideraremos o mito original, bíblico,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/PPGEL, Tangará da Serra- MT/Brasil. E-mail: matos.simone82@gmail.com

como relato verdadeiro para os cristãos, de acordo com Eliade, um dos teóricos utilizados neste artigo. O romance servirá de objeto de estudo da reelaboração do mito, em que o autor, através da linguagem utilizada, consegue dessacralizar um texto vigente há séculos.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance; mito; Caim; dessacralização.

**ABSTRACT:** Based on the novel *Caim* by José Saramago, launched in 2009, we will seek making the analysis of the *Caim* biblical myth re-read made by the author through an update of that myth, showing how each type of narrative fits in that created context. This paper aims to demonstrate how it handles the rewriting of a crystallized myth over centuries through the novel genre, a chosen form by Saramago to defend his views. Considering the original biblical myth as a true story for Christians, according to Eliade, one of the theorists used in this article. The novel will serve as an object reworking myth study, in which the author, through the language used, can desacralize an existing text for centuries.

**KEYWORDS:** romance; myth; Caim; desecration.

## Introdução

Caim, conhecido como o primeiro vilão humano da história cristã, foi execrado através dos tempos pelo assassinato de seu irmão Abel. Na contemporaneidade, porém, foi redimido pelo escritor português José Saramago (1922 – 2010), em seu último romance, *Caim*, escrito em 2009, revisita o mito de Caim, recontando, a sua maneira, o fratricídio mais conhecido da história cristã.

Na obra de Saramago, Caim continua como assassino do irmão Abel, mas o peso de seu crime diminui e quase o inocenta, com a argumentação que apresenta a Deus, num diálogo cheio de significado, em que o sagrado se iguala ao humano, e a culpa passa

ser dividida entre os dois. Condenado a vagar pelos meandros do Antigo Testamento, mais precisamente o Gênesis, Caim cruza seu caminho com o de Abraão, evitando assim a morte de Isaac, anda por Sodoma e Gomorra antes da destruição e até mata a família de Noé, quando “pega uma carona” na arca para escapar do dilúvio.

O mito sagrado de Deus infalível é quebrado no romance. E a partir dele, podemos perceber como se forma uma narrativa mítica e sua posterior desconstrução através do romance. Estudando o século XVIII de forma dialética, período em que o romance torna-se a forma de narrativa mais utilizada pelos escritores para desenhar a sociedade em que viviam, em contrapartida à epopeia - forma narrativa que prevalecia até então-, percebemos que o pensamento tradicional vigente, baseado na razão e no maniqueísmo, dá lugar a um pensamento mais voltado para a emoção e para uma visão mais problemática. A escolha do gênero romance contribui para a dessacralização.

Saramago dessacraliza o discurso religioso através de seu texto, pelos diálogos. Isto ocorre porque, ao entendermos o apogeu do romance como uma construção dialética, percebemos que se mudam os conceitos e a forma da sociedade se ver e se entender, porém, sem esquecer, que desde a Grécia Antiga, temos o cerne do romance, como afirma Mikhail Bakhtin, em *Questões de Literatura e de Estética* (2010) . O século XVIII, com todas suas revoluções – Francesa, Industrial, Romantismo - trouxe uma nova concepção de mundo para a literatura. Até então, pautava-se pela razão, pelo equilíbrio, pela visão da totalidade. O herói sofria as consequências de seus atos imediatamente, e era condenado se tivesse feito algo errado, o maniqueísmo prevalecia, a tradição, base da teoria da narrativa mítica, também prevalecia.

No Antigo Testamento, vemos Caim sendo punido por seus atos, sem discussão sobre a culpabilidade. O mal deve ser punido e o bem louvado. Com a introdução do Romantismo e, conseqüentemente, com o estouro do romance como gênero

literário, começa-se a se pautar pelo sentimento, há ruptura no equilíbrio, e no lugar de uma visão de totalidade vê-se a alienação. O herói passa a ser problemático, ele não tem mais ideia do que fará, como era com o herói clássico, o maniqueísmo evapora-se, ninguém é totalmente mau ou bom, e essa torna-se a base do romance. Caim, de Saramago, não chega a ser perdoado por Deus, mas um acordo entre os dois “divide” a culpa pela morte de Abel, e o assassino passa a vagar pelo mundo, salvando e matando pessoas, como cabe a alguns heróis problemáticos, que não são inteiramente bons ou maus.

Vemos como o mito, verdade cristalizada e repetida por séculos, é reelaborado, mostrando como os mesmos elementos presentes no texto sagrado – Deus, Eva, Caim – mudam suas atitudes e através dos diálogos se igualam, mudam suas configurações, em especial, o divino, que se iguala aos humanos pecadores, com defeitos e atitudes reprováveis.

### **Nas andanças de Caim, a reelaboração do mito**

Dessacralizar um mito não é tarefa fácil, ainda mais quando se refere a um mito conhecido pela maioria da população mundial e ainda é visto como um dogma pela influente Igreja Católica. Saramago o faz de maneira simples e cativante, mas também provocativo. Adjetivo este que cabe a sua literatura como uma luva.

Saramago nos dá a entender, em sua obra, que a evolução da sociedade deveria levar o homem a pensar e que essa reflexão ajudaria a derrubar a hegemonia do mito. A teoria do mito, proposta por Vico, citada por Fernanda Sylvestre, em seu artigo “Diálogos entre a ficção e a história: o mito bíblico revisitado em Caim, de José Saramago” (2011), apresenta três estágios: no primeiro, ou idade dos deuses, o homem considera toda ação fruto de seres sobrenaturais; no segundo, ou idade dos heróis, os mitos refletem a

visão dos poetas e da sociedade que os cria; e no terceiro, ou idade do homem, apresenta-se a narrativa de argumentação, em que se questiona a verdade dos mitos.

O próprio Mircea Eliade, em *O Sagrado e o Profano*, afirma que “o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana” (ELIADE, 1992, p.14), de forma que o homem de hoje encontra maiores dificuldades para encontrar “as dimensões existenciais” do homem religioso das sociedades mais antigas, conforme Eliade.

Salvatore D’Onofrio (2007), em sua obra *Forma e sentido do texto literário*, compartilha essa ideia, afirmando que ao se perderem as verdades coletivas e absolutas impostas pelo mito, o homem necessita descobrir seus próprios valores e que o mito passaria então, a ser representado artisticamente, de forma que poetas e dramaturgos aproveitar-se-iam dos mitos para comporem suas obras literárias.

*Caim*, publicado em 2009, pela editora Companhia das Letras, é um exemplo desta afirmação. Não é a primeira vez que o autor envereda para as histórias bíblicas, já o fez em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, em que traz sua versão sobre o Novo Testamento. Agora, porém, passeia pelo Antigo Testamento, reelaborando os mitos bíblicos que compõe o Gênesis. Essa reelaboração é fruto de um processo de evolução:

Se em seu início o mito era original, sacralizado, com o passar do tempo ele passou a ser dessacralizado, até, contemporaneamente ser resgatado, “remitologizado” pela cultura ocidental contemporânea e, conseqüentemente, por escritores como Saramago que se apropriam dos mitos do passado e dão a eles novas características ou polemizam as características passadas desses mitos para evidenciar a necessidade da não aceitação ingênua de qualquer relato, já que todo relato é construção de linguagem e, por isso, passa por critérios subjetivos ao ser construído e aceito por uma sociedade e ao ser escrito por um determinado autor (SYLVESTRE, 2011, p.35).

Essa reelaboração pede um gênero mais maleável do que o mito para que ela aconteça. A modernidade pede uma fluidez e uma transitoriedade maior, que é possível através do romance, uma forma narrativa relativamente nova, que tomou força com a introdução do Romantismo, no século XVIII.

O romance estudado pode ser visto como arma de combate, para subverter a ideologia cristã, a qual Saramago, ateu convicto, não acreditava. O autor utiliza-se, principalmente do sarcasmo e da ironia, para descrever seu deus (grafado com letra minúscula em todo o romance), como um ser falível e egoísta.

A falibilidade divina é o primeiro ponto abordado por Saramago no romance. Em oposição à perfeição bíblica da criação do mundo e dos homens, em que cada coisa está no lugar certo e com sua função perfeitamente definida, no romance, deus – grafado na obra em letra minúscula, para reforçar a ironia igualando-o a qualquer deus pagão – esquece de colocar a língua em suas criações (Adão e Eva), que não podem se expressar, visto não terem voz.

Além de falível, essa divindade do romance, diferente do agente criador bíblico cuja perfeição é inerente, comete erros e tem acessos de ira, aproximando-o dos seres por ele criado. Se as criaturas possuem defeitos, natural que tenham herdado de seu criador, visto que foram criadas a sua imagem e semelhança, conforme o texto bíblico.

O descaso de Deus pelas suas criaturas também é abordado por Saramago. Adão e Eva ficaram bom tempo sem a presença divina ou de qualquer outro ser e, quando receberam a visita, foi para serem expulsos do paraíso.

Com a expulsão temos o desabrochar de um personagem inquietante. Eva, a mãe dos homens, a culpada pela expulsão do paraíso ganha destaque na obra. Essa Eva amaldiçoada e seu companheiro Adão, que no romance ficou entalado com o fruto oferecido pela mulher, são expulsos do Jardim do Éden e passam a

vagar por terras inóspitas e áridas sem o conhecimento necessário para a sobrevivência. Vagando pela terra, travam um diálogo sobre como sobreviverão, em que Eva sugere ir até as portas do Éden e convencer o querubim que Deus pôs de guarda à porta a lhes dar alimento, Adão não quer temendo mais castigos por parte de Deus, prefere calar-se:

Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, teremos de o forçar a explicar-se, e a primeira coisa que deverá dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim, Estás louca, Melhor louca que medrosa, Não me faltes ao respeito, gritou Adão, enfurecido, eu não tenho medo, não sou medroso, Eu também não, portanto estamos quites, não há mais que discutir, Sim, mas não te esqueças de que quem manda aqui sou eu, Sim, foi o que o senhor disse, concordou Eva, e fez cara de quem não havia dito nada (SARAMAGO, 2009, p.22).

Lilith, como veremos mais adiante, foi punida sendo considerada um demônio e exilada em um deserto. Eva e seus descendentes, perderam o paraíso e passaram a ser mortais em uma terra inóspita. Mas Eva, não se dá por vencida e não espera sentada que as coisas lhe caiam no colo. Eva, ao chegar ao Éden, consegue a ajuda do querubim, que lhe fornece alimentos, meios e informações para sua sobrevivência na nova vida. A Eva, mãe de todos os seres viventes, inaugura a força feminina que carrega o mundo.

Com as informações do querubim, Adão e Eva passam a fazer parte de uma caravana, onde aprendem a lavrar a terra e criar animais. Lá nascem Caim e Abel. Aqui surge nosso protagonista. Vilão no Antigo Testamento, Caim comete o primeiro assassinato ao matar o irmão Abel por inveja. Deus preferiu a oferta de Abel em detrimento a Caim, o que levou este a cometer o fratricídio. Na narrativa bíblica, conhecemos a história dos irmãos em 15 versículos:

Depois de algum tempo, Caim apresentou produtos do solo como oferta a Javé. Abel, por sua vez, ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. Javé gostou de Abel e de sua oferta, e não gostou de Caim e da oferta dele. Caim ficou então muito enfurecido e andava de cabeça baixa. E Javé disse a Caim: “Por que você está enfurecido e anda de cabeça baixa? Se você agisse bem, andaria com a cabeça erguida; mas, se você não age bem, o pecado está junto à porta, como fera acuada, espreitando você. Por acaso, será que você pode dominá-la?” Entretanto, Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos sair”. E quando estavam no campo, Caim se lançou contra o seu irmão Abel e o matou. Então Javé perguntou a Caim: “Onde está seu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei. Por acaso sou guarda de meu irmão?” Javé disse: “O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão. Ainda que você cultive o solo, ele não lhe dará mais o seu produto. Você andarà errante e perdido pelo mundo”. Caim disse a Javé: “Minha culpa é grave e me atormenta. Se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti, andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará”. Javé lhe respondeu: “Quem matar Caim será vingado sete vezes”. E Javé colocou um sinal sobre Caim, afirmando que ele não fosse morto por quem o encontrasse. Caim saiu da presença de Javé, e habitou na terra de Nod, a leste de Éden (GÊNESIS, 4, 3-16).

No romance, o enredo é semelhante, Caim mata Abel, mas aqui, vemos as provocações do assassinado para com o assassino, bem como uma discussão sobre culpa e inocência, em um diálogo travado entre Deus e o suposto vilão, que difere bastante do texto bíblico:

Tu o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que está aí não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre mal e o bem, se escolheu o mal, pagará por isso, Tão ladrão é o que vai a vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim, E esse sangue reclama vingança, insistiu deus, Se é assim, vingarte-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver [...] matei abel, porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás



morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses [...] Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu, porque matei, poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou caim, mal acreditando no que acabara de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de abel, Reconheces então a tua parte, Reconheço, mas não o digas a ninguém, será um segredo entre deus e caim [...] (SARAMAGO, 2009, p.35).

Um Deus que assume parte na culpa de um assassinato é um tipo de personagem que podemos encontrar na obra de Saramago. A responsabilidade partilhada entre Deus e um assassino demonstra a ironia na escrita do português. Mas mesmo partilhada, a culpa ainda recai sobre Caim, que continua a ser marcado e segue errante por novas terras.

Em suas andanças, Caim avança ao futuro e volta ao passado, misturando passagens do Antigo Testamento que, no original, nada tiveram com ele. Na primeira parada, Caim passa pela terra de Nod, onde conhece Lilith.

Lilith, na Bíblia, aparece em Isaías 34, 14, com uma alusão nada abonadora, como parte do dia da vingança do senhor. Porém, em vários textos, encontramos alusões a Lilith como a primeira mulher criada por Deus. De acordo com as fontes estudadas, um dos mitos mais conhecidos de Lilith é que ela seria a primeira mulher criada por Deus, para ser esposa de Adão, visto que Deus cria homem e mulher no *Gênesis 1, 27*, enquanto a criação de Eva, de uma costela de Adão, se dá apenas no *Gênesis 2, 21-22*. Segundo Laraia, a primeira mulher de Adão, Lilith o abandonou por não se submeter à dominação masculina, o que a levou a fugir para o Mar Vermelho. Adão, o marido abandonado, reclamou a Deus, que enviou três anjos para trazê-la de volta, em vão, Lilith não voltou e passou a ser considerada um demônio feminino, a rainha da noite, que ataca crianças recém-nascidas e as leva a morte inexplicáveis.

Transformada em demônio, Lilith aparece na Bíblia cristã, em *Isaias*, 34. Neste trecho, Deus condena a cidade de Edom, que converteu-se em uma sociedade maldita, que não aceita os seus preceitos. Em seu fim, Edom arderá em chamas antes de se transformar em deserto onde ninguém mais passará: “Seus herdeiros são o pelicano e o ouriço; a coruja e o urubu fazem aí sua morada” (ISAIAS, 34, 11). Este deserto condenado será o exílio do demônio que se transformou Lilith:

Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilith vai descansar, encontrando um lugar de repouso. Aí vai se aninhar a cobra, que botará, chocará os seus ovos e recolherá sua ninhada em sua sombra; aí se reunirão as aves de rapina, cada qual com sua companheira (ISAIAS, 34, 14-15).

Saramago, por sua vez a descreve como uma mulher insaciável, com quem Caim passa várias noites de sexo, chegando a gerar um filho Enoch, que oficialmente será filho do marido de Lilith, Noah. Lilith de Saramago é insaciável, mas dona de seu destino e da terra de Nod. Ela comanda e não se curva ao marido, a quem não aceita nem que entre em seu quarto e o humilha constantemente. Diverte-se sexualmente com outros homens. Apaixona-se por Caim, a quem deseja ardentemente. Esta Lilith é uma mulher de atitude, uma devoradora de homens. O demônio do mito transforma-se em rainha. Caim ainda livra-se de uma armadilha de Noah, o marido traído, que quer matá-lo. A mulher até pede para Caim matar o marido, mas Caim não aceita mais uma morte. E parte.

Caim, o errante das eras passadas viaja primeiro para o futuro e depois para o passado daquele futuro. Na sua viagem, de jumento, ora por terras desérticas ora por paragens cheias de água, o protagonista chega ao seu primeiro futuro e encontra Abraão.

Abraão, que no Antigo Testamento aceita sacrificar o filho Isaac, como prova de fé para com Deus, tem sua atitude vista pelos

cristãos do mundo como um ato genuíno de fé. Saramago, em sua obra, trata como um ato de loucura e utiliza-se de um narrador intruso para demonstrar sua indignação pelo ato. Dialogando com o leitor, o narrador fala:

O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho, com a maior simplicidade o fez, como quem pede um copo de água quando tem sede, o que significa que era costume seu, e muito arraigado. O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim [...] Quer dizer que, além de tão filho da puta como o senhor, abraão era um refinado mentiroso, pronto para enganar qualquer um com sua língua bífida, que, neste caso, segundo o dicionário privado do narrador desta história, significa traiçoeira, pérfida, aleivosa, desleal e outras lindezas semelhantes (SARAMAGO, 2009, p.79)

Notamos como o narrador demonstra sua indignação, tanto com Deus como com Abraão, que aceita matar o próprio filho a mando do Senhor para provar sua fé, e só não leva a cabo sua missão porque Caim interfere, visto que o anjo mandado por Deus para evitar o sacrifício chegou atrasado. Com isso, continuamos perceber a fragilidade divina, seja pela necessidade de exigir uma prova de fé ou, então, pelo atraso de seu enviado para fazer a troca do filho por um carneiro para o sacrifício.

Na versão de Saramago, o que predomina é a ironia e o desprezo pelas atitudes divinas, que irá se acentuar no próximo destino de Caim: Sodoma e Gomorra, onde Deus promete que se encontrar dez inocentes nas cidades não a destruirá. Promessa em vão, visto que as duas cidades foram destruídas, incluindo crianças inocentes, salvando apenas a vida de Lot e a família. Mas mesmo assim, a mulher de Lot é transformada em sal, pois desobedece a ordem de deus e olha para trás. Curiosidade punida de forma grotesca.

Desproporcional também é a chacina comandada por Moisés no monte Sinai, quando Aarão, seu irmão, planeja fazer um bezerro

de ouro, para ser objeto de adoração. Em mais uma das andanças temporais de Caim, nosso herói presencia a morte de 3 mil homens apenas porque Deus não queria um suposto rival em adoração. O ciúme passa a ser mais uma qualidade negativa da divindade. O foco narrativo recai novamente na visão de Caim sobre a maldade de Deus:

Não bastavam sodomia e gomorra arrasadas pelo fogo, aqui, no sopé do monte Sinai, ficara patente a prova irrefutável da profunda maldade do senhor, três mil homens mortos só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro, Eu não fiz mais que matar um irmão e o senhor castigou-me, quero ver agora quem vai castigar o senhor por estas mortes, pensou Caim, e logo continuou, Lúcifer sabia bem o que fazia quando se rebelou contra Deus, há quem diga que o fez por inveja e não é certo, o que ele conhecia era a maligna natureza do sujeito (SARAMAGO, 2009, p.101).

Lúcifer ganha destaque na obra de Saramago, não por sua participação no romance, e sim em um detalhe, é o único nome grafado com letra maiúscula em toda a história. O autor justifica suas atitudes – rebelar-se contra Deus – e ao grafar com letra maiúscula, acaba tornando-o superior ao próprio Deus, conforme afirma Sylvestre (2011, p.43).

Uma questão também levantada por Saramago em sua obra, é a historicidade dos pecados. O incesto, prática comum desde o começo dos tempos, começa desde Adão e Eva, pois seus filhos geraram filhos entre si, tecnicamente, irmãos e irmãs povoaram a terra com seus descendentes. Saramago deixa claro seu pensamento com o trecho:

Que o senhor tenha admitido o incesto como algo cotidiano e não merecedor de castigo naquelas antigas sociedades por ele geridas, não é nada que deva surpreender-nos à luz de uma natureza ainda não dotada de códigos morais e em que o importante era a propagação da espécie,

quer fosse por imposição do cio, que fosse por simples apetite, ou, como se dirá mais tarde, por fazer o bem sem olhar a quem. O próprio senhor havia dito, Crescei e multiplicai-vos, e não pôs limitações nem reservas à injunção, seja com quem sim, seja com quem não (SARAMAGO, 2009, p. 102).

Saramago é irônico ao dizer que Deus ainda não está provido de códigos de conduta morais, permite a prática do incesto para cumprir sua ordem de “Crescei-vos e multiplicai-vos”. Prática regular naquela época é extremamente condenada tempos depois. Com sua escrita, Saramago vai construindo um deus amoral, com preceitos um tanto turvos.

Em seu caminho, Caim conhece a história de Job. Este personagem possui um livro próprio no Antigo Testamento, com seu nome, que conta sua história. Um homem que foi posto à prova de todas as maneiras possíveis: perdeu os filhos, o dinheiro, os animais e até teve o corpo coberto de chagas e mesmo assim continuou louvando a Deus e adorando-o. No romance, Caim encontra dois anjos na terra, que lhe contam que aqui estão para evitar que Satanás se exceda em uma aposta que tem com o senhor. Mas na verdade quem se excede é o próprio Deus. Job é vítima da aposta. Caim continua revoltado com o Senhor, que se julga superior e tem atitudes desprezíveis, como uma aposta com a vida de um ser humano.

O clímax do romance acontece em uma volta do protagonista ao passado. Lá ele encontra Noé e sua arca. Arrependido de sua criação, que se desvirtuou desde que a amaldiçoada Eva comeu o fruto proibido, Deus resolve “limpar” a terra e recomeçar o povoamento.

Para resolver seu problema, deus resolve exterminar a humanidade, restando para povoar a terra, Noé e sua família, pois este era considerado um homem justo e íntegro. Deus designou que construíssem uma arca e que colocassem nela um casal de cada

animal, para que após a catástrofe que pensava provocar, estes pudessem povoar novamente a terra, agora com justiça e retidão. Assim se esperava...

A catástrofe foi o dilúvio. Choveu quarenta dias e quarenta noites e a terra encheu-se de água todos os demais seres vivos morreram. Apenas Noé e sua família sobreviveram para repovoar a terra. Assim está no livro sagrado. Em *Caim*, o final de tudo isso é diferente. O assassino volta a cometer crimes e vingá-se de Deus em suas criaturas, destruindo a possibilidade de procriação da humanidade.

Antes de Caim pegar uma “carona” na arca, um novo diálogo entre o protagonista e Deus se desenrola. Novamente Caim questiona os atos de Deus, que lhe responde com arrogância própria de um ser superior, como que justificando seus atos apenas por ser quem é:

Que fazes aqui, nunca mais te vi desde o dia em que mataste o teu irmão, Enganas-te, senhor, vimo-nos, embora não me tenhas reconhecido, em casa de abraão, nas azinheiras de mambré, quando ias destruir sodoma, Foi um bom trabalho, esse, limpo e eficaz, sobretudo definitivo, Não há nada definitivo no mundo que criaste, job julgava estar a salvo de todas as desgraças, mas a tua aposta com satã reduziu-o à miséria e o seu corpo é uma pegada chaga, assim o vi quando saí das terras de us, Já não, caim, já não, a pele dele sarou completamente e os rebanhos que tinha duplicaram, agora tem catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentos, E como os conseguiu ele, Dobrou-se à minha autoridade, reconheceu que o meu poder é absoluto, ilimitado, que não tenho que dar contas senão a mim mesmo nem deter-me por considerações de ordem pessoal e que , isto digo-to agora, sou dotado de uma consciência tão flexível que sempre a encontro de acordo com o que quer que faça, E os filhos que job tinha e morreram debaixo dos escombros da casa, Um pormenor a que não há que dar demasiada importância, terá outros dez filhos [...] para substituir os que perdeu, Da mesma maneira que os rebanhos, Sim [...] (SARAMAGO, 2009, 148-149).

Uma vez na arca, “imprevistos” acontecem. O narrador passa a contar as peripécias que vão se desenvolvendo de maneira bem humorada. Uma nora de Noé morre ao ser pisada por um elefante, Cam morre consertando a arca, enfim, “acidentes” que vão dizimando a tripulação com a ajuda do protagonista. Caim não tem interesse de ajudar Noé e sua família a repovoar a terra, como queria Deus, após o diálogo que tiveram anteriormente. Sua intenção era dizimar todos os sobreviventes, para com isso, atingir seu “inimigo íntimo” Deus.

Noé, ao ver que todos os demais estão mortos, preocupa-se com a punição divina, visto que não conseguiu cumprir os desígnios de Deus. Tão apavorado está que acaba por jogar-se da arca e morrer afogado nas águas do dilúvio, com medo de um possível castigo futuro. Caim, enquanto isso, diverte-se.

Diverte-se, pois conseguiu atacar Deus, destruiu sua criação. Dizimou a humanidade. No diálogo final do livro há um novo enfrentamento. Definitivo?... Não. O próprio autor coloca que os dois seguiram discutindo e estão a discutir ainda, mas que não há mais nada a se contar:

Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, respondeu caim, Mortos, como mortos, por que, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará falta, Caim és, e malvado, infame matador do próprio irmão, Não tão malvado e infame quanto tu, lembra-te das crianças de sodoma. Houve um grande silêncio. Depois caim disse, Agora já podes matar-me, Não posso, palavra de deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorar-te a carne, Sim, depois de tu primeiro haverdes devorado o espírito (SARAMAGO, 2009, p.172).

Divino ou humano, talvez Deus goste do contraponto que o assassino faz a sua “divindade”. Os encontros que tiveram por todo o romance geraram diálogos profundos, que demonstram ora os pontos de vista divino, ora o ponto de vista de Caim. O próprio autor, em momentos que o narrador dialoga com o leitor, afirma que Caim não poderia ter sido testemunha direta dos acontecimentos, como no trecho em que cita: “De muitas histórias não poderia Caim, obviamente, ter sido testemunha direta, mas algumas, quer fossem verdadeiras ou não, chegaram a seu conhecimento pela sabida via de alguém[...].” (SARAMAGO, 2009, p.102), visto por ele – Caim – ou apenas ouvido falar, seu ponto de vista prevalece no romance. Deus, em alguns momentos aparece como um antagonista, quase um vilão, se analisarmos algumas de suas atitudes. Caim matou o irmão... Deus dizimou a humanidade com o dilúvio. A humanidade que foi recriada continuou a cometer erros e a divindade também, visto que os primeiros foram feitos à imagem e semelhança do outro.

Com o romance, de caráter profano, Saramago busca fazer com que os leitores desconfiem da crença que os envolve, dando novas possibilidades ao discurso religioso, e ainda, faz uma crítica ao fato de que a verdade religiosa é utilizada para manter relações de poder na sociedade.

E essa crítica se dá pelo discurso utilizado, Bakhtin (2010) afirma que todo romance tem uma ideologia vigente, um ponto de vista particular de mundo. O romance estudado, reporta-se ao texto bíblico, mas contrasta com a ideologia do cristão, visto que hoje, com a liberdade de pensamento e com a necessidade do homem se auto afirmar como centro criador, o discurso de desmistificação está em voga. Saramago utiliza este processo de reelaboração do mito para demonstrar que a fala é poder, e que quando Caim questiona Deus sobre suas atitudes, está, de certa forma, confundindo a ideologia do autor com a do personagem, visto que temos em Saramago, um ateu convicto.



A linguagem é o meio utilizado por Saramago para construir sua crítica ao cristianismo. Ao colocar um narrador intruso em várias passagens, como que para justificar determinadas passagens, o autor introduz a individualidade no Antigo Testamento, por definição, um texto épico.

Ao dizer que a linguagem não era suficiente para expressar o pensamento, Saramago deixa claro, mesmo assim, a possibilidade de pensar e de questionar. A linguagem não alcançava, porém a dúvida e o questionamento existiam. Ao desmistificar o mito em si, como narrativa, entendemos que o mito pode ser fabricado hoje para ter função performativa amanhã e depois, como sucede a história. Isto ocorre porque, com a ausência do autor e das testemunhas, esmaece a verdade do discurso. O próprio Saramago, em um trecho de *Caim*, nos coloca esta questão:

Quando a criança viesse ao mundo seria para toda a gente o filho de noah, e se ao princípio não iriam faltar as mais justificadas suspeitas e murmurações, o tempo, esse grande igualador, se encarregaria de limar umas e outras, sem contar que os futuros historiadores tomariam a seu cuidado eliminar da crónica da cidade qualquer alusão a um certo pisador de barro chamado abel, ou caim, ou como diabo fosse seu come, dúvida esta que, só por si, já seria considerada razão suficiente para o condenar ao esquecimento, em definitiva quarentena, assim supunham eles, no limbo daqueles sucessos que, para tranquilidade das dinastias, não é conveniente arejar. Este nosso relato, embora não tendo nada de histórico, demonstra a que ponto estavam equivocados ou eram mal-intencionados os ditos historiadores, caim existiu mesmo, fez um filho à mulher de noah [...] (SARAMAGO, 2009, p. 70-71).

Apesar de ser apenas um trecho sobre determinado acontecimento, a paternidade do filho de Caim, podemos entender como uma metáfora de que o mito, é criado ao bel-prazer de determinado grupo, e que este grupo, aposta no que lhe convém. O que, com o desaparecimento do autor e das testemunhas que o

rodearam, e que não podem mais questioná-lo, torna-se algo verdadeiro e cristaliza-se, de forma que o mito, tal como o conhecemos hoje, se perpetua.

Questionando os mitos, porém, Saramago dissolve sua autoridade. A ficção é a forma de desmistificá-lo, levando as pessoas a pensarem, questionarem, vejam o que conhecem desde sempre de modo diferente, para que a ordem religiosa, política e social não seja sempre a mesma.

Caim é um romance, e sendo romance, é o espaço do diálogo, do confronto de vozes, ao passo que o mito é o discurso unívoco, da autoridade, inquestionável, fora do tempo e da história, por isso isento, ileso às comprovações. Por ser romance e não um mito deve ser visto não como verdade absoluta, pode ser questionado e até hostilizado, por alguns. O que devemos pensar é que ele leva a uma reflexão, a uma visão humanizadora do divino. Irônica e sarcástica... sim, como cabe a um ateu. Mas no momento em que questionamos a ordem posta, aquela fundada pelo mito, estamos questionando o que nos rodeia, abrindo os olhos para luz do conhecimento. Dessacralizando o mito, tido como verdade absoluta, podemos assim, conhecer as outras verdades.

## **Considerações Finais**

Não podemos negar que até hoje, em pleno século XXI, mitos criados há mais de dois mil anos ainda são fortemente repetidos e seguidos em nossa sociedade. Cristalizados na mente humana, em especial dos cristãos do mundo todo, os mitos presentes na Bíblia, servem de preceitos para a vida em sociedade.

Em muitos momentos, tais mitos apresentam contradições e por muitas vezes são questionados, mas continuam a serem seguidos. Igrejas do mundo todo os propagam em seus cultos e missas como verdades absolutas, mesmo tendo sido refutados pela

ciência através dos séculos. Ou são vistos como alegorias sujeitas a interpretações. Alguns, cuja fé nos dogmas e nos mitos prevalece, acreditam sem questionar. Outros, que não aceitam os dogmas, buscam maneiras de dessacralizar os mitos e reelaborá-los de acordo com sua visão de mundo.

José Saramago, avesso aos dogmas desde o início de sua carreira como escritor, buscou dessacralizar o mito bíblico de Caim através de um romance. Em *Caim*, Saramago desconstrói a imagem de infalibilidade de Deus, transformando-o em um ser mesquinho, invejoso e irado, que aposta a vida de suas criaturas com Lúcifer apenas para provar seu poder. Polêmico? Sim, esta é a função que o autor exprime em suas obras. Não se quer que as “verdades absolutas” do mito sejam aceitas ingenuamente, e que o relato, nada mais é do que a construção da linguagem, que não deve ser aceita sem questionamentos. A reflexão é a meta do autor.

O fato de se escolher o romance como gênero para reelaborar o mito também é um ponto importante. O mito é um gênero rígido, e sua desconstrução pede um gênero mais maleável, pois a modernidade pede essa fluidez e transitoriedade, de forma que a reelaboração também não seja vista como “verdade absoluta” e sim como ficção. Uma ficção que faz refletir, mas mesmo assim uma ficção, não um tratado de religião.

A reelaboração é feita com base no mito bíblico. Desde o assassinato de Abel pelo irmão Caim, segue o mito genesíaco. Porém, uma nova roupagem é dada à história. O Deus infalível do Antigo Testamento dá lugar a um Deus que aceita sua parcela de culpa e admite seus erros, como se esquecer de dar voz a suas novas criaturas – Adão e Eva. O medo de Deus de que suas criaturas se igualem ao criador comendo do fruto do conhecimento do bem e do mal, faz com que os expulse do paraíso, condenando toda a humanidade à mortalidade e aos sofrimentos do mundo inóspito que passa a habitar, segundo a versão de Saramago.

O autor também nos leva a questionar, quem é o maior vilão: o que matou o irmão ou o que dizimou a humanidade com o dilúvio. O ponto de vista de Caim prevalece por todo o romance, demonstrando a visão do protagonista durante as “atrocidades” que são cometidas pela divindade, como o quase sacrifício de Isaac, a morte de inocentes em Sodoma e Gomorra, a aposta de Deus e Lúcifer que prejudica o pobre Job, a chacina no monte Sinai e o dilúvio.

Através dos tempos antigos, o tempo do Velho Testamento, Caim vaga, perpassando histórias que não teria como ter vivido, mas servem para exemplificar como ocorre a dessacralização de um mito, reelaborando a história, transformando-a em uma possível versão dentre as várias possível e não mais um mito cristalizado.

O homem de hoje vive num mundo dessacralizado e assume uma visão mais profana, para tanto, a reflexão justifica-se. A reflexão está latente na obra, ninguém lê *Caim*, e não questiona os mitos que lá encontra reelaborados. Seja para criticar a visão ateia e deícida de Saramago, ou seja, para questionar os mitos bíblicos. A palavra-chave é só uma: reflexão... como inimigo do dogma é isso que o autor busca... uma reflexão.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

COUCHAUX, Brigitte. Lílith. IN: **Dicionário de Mitos Literários**. org. BRUNEL: Pierre. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Tópicos)

- \_\_\_\_\_. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Debates)
- FOKKELMAN, J. P. Gênesis. IN: **Guia Literário da Bíblia**. Org. ALTER, Robert e KERMODE, Frank. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. **Jardim do Éden Revisitado**. Revista de Antropologia. São Paulo. Vol. 40, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci_arttext). Acesso em 11/04/13, às 18 horas.
- SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SELLIER, Philippe. Caim. IN: **Dicionário de Mitos Literários**. org. BRUNEL: Pierre. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- SYLVESTRE, Fernanda Aquino. **Diálogos entre a ficção e a história: o mito bíblico revisitado em Caim, de José Saramago**. Revista Alere, Tangará da Serra, v.04, n.04, setembro de 2011.